

O BISPO-MENINO, O RITO DE SALISBÚRIA E A CAPELA REAL PORTUGUESA

Ela rezava sempre oras canonicas pello custume de Salesbri; e pero el seja não bem ligeiro dordenar, asy era em esto atemta, que seus capelães e outras onestas psoas rezebião nelle per ella řsinamça¹.

O Natal caía a 25 de Dezembro. A 26, era a festa de S. Estêvão. A 27, era a festa de S. João Evangelista. E no dia 28, a festa dos Santos Inocentes, esses meninos anónimos que Herodes mandou matar.

Ora, nas catedrais da Idade Média e de acordo com velhos costumes, as crianças, sobretudo os meninos de coro, julgavam seu o dia dos Santos Inocentes, com vésperas solenes no dia anterior. E o mundo pertencia-lhes durante vinte e quatro horas, pelo menos. O mundo, quer dizer, a catedral, o paço do bispo, um pouco as ruas da cidade, etc. Assistia-se, então, à vitória da inocência (esta a ideia primitiva) e da irresponsabilidade lúdica de quem não tinha contas a dar.

Com efeito, naquele dia, em muitas sés ficava de lado o prelado diocesano, substituído pelo bispo dos inocentes (*episcopus innocentium*) ou então bispo dos meninos (*episcopus puerorum*). Certo documento de 1419, de além-Pirenéus, refere-se ao «pequeno báculo» e às sandáliaszinhas para o minibispo. Um breviário de Salisbúria apontado por Du Cange (fixemo-nos bem neste caso) ordenava que os meninos de coro tivessem bispo seu: *Pueri chori suum habeant episcopum*².

Tal festa acarretava despesas, pois não faltava um lauto jantar. Por isso, nos estatutos da igreja de S. Dinis de Liège, todos os anos o cónego mais novo do cabido estava obrigado a pagar quanto se gastava no episcopado pueril (*solvet episcopatum puerorum illius anni...*), a não ser que o mestre-escola da sé o dispensasse de tal encargo³.

Muitas vezes, os pequenos abusavam e os grandes ainda mais, a ponto de o *episcopus puerorum* passar a chamar-se *episcopus stultorum*, bispo dos malucos, e a festa, *festum stultorum*. Festa dos malucos.

Tais festejos não se celebravam sempre no dia dos Inocentes e tempo adjacente. Em certos lugares, havia-os no primeiro dia do ano, ou então pela epifania. E alargavam-se mesmo a clérigos que nada tinham de menino, às vezes até a padres. Neste sentido, escreve Joannes Belethus no *Rationale Divinorum Officiorum*, cap. 72: «*Festum hypodiaconorum, quod vocamus stultorum, a quibusdam perficitur in Circumcisione, a quibusdam vero in Epiphania, vel in ejus octavis. Fiunt autem quatuor tripudia post Nativitatem Domini in Ecclesia, levitarum scilicet, sacerdotum, puerorum, id est minorum*

¹ FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*, t. 1 Porto 1949, p. 226.

² DU CANGE, *Glossarium*, em *Episcopus innocentium*.

³ *Ib.*, em *Episcopus puerorum*.

aetate et ordine, et hypodiaconorum, qui ordo incertus est. Unde fit ut ille quandoque annumeretur inter sacros ordines, quandoque non, quod expresse ex eo intelligitur quod certum tempus non habeat, et officio celebretur confuso»⁴.

Era a *libertas decembrica* e estendia-se mesmo a certos mosteiros onde imperava um efémero *abbas puerorum*: abade dos meninos ou rapazes. Às vezes, bispos autênticos e arcebispos chegavam a brincar com as crianças e a jogar a bola com elas⁵. Dá-nos estas notícias o já citado Joannes Belethus, teólogo parisiense do séc. XII: «Restat ut de eo nunc agamus, quod ultimo loco in partitione superiori propositum fuit, nimirum de quadam libertate Decembris, quae hoc tempore in quibusdam locis observatur. Sunt enim nonnullae Ecclesiae, in quibus usitatum est ut vel etiam episcopi et archiepiscopi in coenobiis cum suis ludant subditis, ita ut etiam sese ad lusum pilae demittant. Atque haec quidem libertas ideo dicta est Decembrica, quod olim apud ethnicos moris fuerit ut hoc mense servi et ancillae et pastores velut quadam libertate donarentur, fierentque cum dominis suis pari conditione»⁶.

O que escrevemos do bispo podemos afirmá-lo do abade, a ponto de haver certa confusão nos documentos. Elegia-se, antes do Natal, o abade pueril e cantava-se um *Te Deum* em acção de graças. Aos ombros, levavam-no em triunfo ao palácio do bispo, onde comiam e bebiam à grande, numa sala adrede enfeitada. À entrada do miniabade, erguiam-se todos e faziam-lhe grande reverência. Até o bispo, se lá estava. O bispo verdadeiro, entende-se. No final do banquete, grande era a cantoria, dum lado e doutro, e cada parte erguia a voz mais alto do que a outra, até uma delas vencer a outra, acabando tudo em enorme gritaria. O que se cantava tinha, por vezes, sabor goliardesco, pelo menos em Viviers, no séc. XIV. Depois, saíam todos de cambulhada pelas ruas da cidade, inclusive os escudeiros do bispo e dos cónegos. E ao longo do cortejo, toda a gente aplaudia o prelado eleito, anunciado por uma campainha à frente da procissão.

Tais cortejos festivos, com o miniabade ou o minibispo, organizavam-se mais duma vez, em certos lugares, até à vigília do Natal. E o cerimonial da eleição do bispo dos malucos (*episcopus stultorum*), ou bispo dos inocentes, era mais ou menos igual, embora tenhamos de contar com as variantes habituais daqueles tempos, de diocese para diocese. Com frequência, elegia-se o minibispo no dia dos Santos Inocentes e seguia logo para o paço episcopal, estivesse lá o prelado ou não. Abriam-se as portas para receber o feliz eleito, este aparecia no fim a uma janela e deitava a bênção à cidade.

Em Viviers (e noutros lugares), estavam regulados todos estes divertimentos, no cerimonial da sé. Sentado no trono episcopal, às matinas, na missa cantada e às vésperas, o minibispo tinha a seus pés, sentado, o respectivo capelão. Era um reinado ou episcopado de três dias, em que o bispo pueril, todo paramentado e de báculo na mão, assistia às cerimónias da catedral, onde entrava em solene procissão, com turiferário adiante.

⁴ PL 202, 79.

⁵ DU CANGE, *Glossarium*, em *Kalendae*.

⁶ PL 202, 123, no cap. 120 do sobredito *Rationale*.

Acabadas as vésperas, gritava o capelão: «Calai-vos». E o coro respondia: «Graças a Deus!». Então, o bispo-menino deitava a bênção ⁷.

Em Ruão, no dia de Natal, celebrava-se a festa dos burros (*festum asinorum*), solenidade paralitúrgica, com a respectiva procissão ou «processus prophetarum». Com efeito, nela entravam figuras de profetas e a Igreja era representada por uma barca: *navis Ecclesiae*.

A 14 de Janeiro, representava-se em Beauvais a fuga da Sagrada Família para o Egipto. Em cima da burrinha bem arreada, seguia uma rapariga a fazer de Nossa Senhora, com uma boneca nos braços, em vez do Menino Jesus. Saía a procissão da catedral para a igreja de S. Estêvão, no meio de grande concurso de clero e de povo. Até aqui, há graça e bom gosto. Mal a burrita entrava na igreja, começava o burlesco. A rapariga e a boneca ficavam do lado do evangelho, ao pé do altar. E na missa, o introito, os quíries, o glória e o credo fechavam com a modulação pouco musical do zurrar do burro: «hac modulatione *Hinham* concludebantur». E no final da missa, era ainda pior, porque três vezes repetiam o *hinham*.

Era durante essa missa que se cantava a famosa e goliardesca «prosa» do burro ⁸. Pomos isto em relevo, para depois vincarmos a seriedade absoluta, neste ponto, do rito de Salisbúria, por ocasião do Natal.

Em geral, a Idade Média gostava da espontaneidade. Neste sentido, mestre João de Garlandia ou Johannes de Garlandia († 1252), professor da Universidade de Paris, escreveu alguns versos benévolos e facetos, em torno das brincadeiras pelo Natal: *De licentia puerorum circa Natale Domini* ⁹.

Aproximemo-nos, porém, da catedral de Pádua, onde o bispo dos inocentes, ou «episcopellus» (bispinho), e mais garotos da igreja começavam a celebrar a festa na tarde do dia 26, tal como em Salisbúria e talvez no paço real de Lisboa. Com os seus clérigos e capelães, saía o minibispo da sacristia, não a caminho do altar da Santíssima Trindade, como depois veremos em Lisboa, mas, sim, do altar de S. Daniel, todos a cantar o responsório *Centum quadraginta*... Era o bispinho quem incensava e também ele abençoava o clero e o povo, indo a seguir para a residência do bispo. Do seu papel de bispo, no dia seguinte, mitrado e tudo, percorrendo depois a cidade em brilhante cavalgada, para visitar igrejas e mosteiros que lautamente o recebiam e à sua comitiva, nada aqui diremos de especial ¹⁰.

Haveria, em Portugal, cerimónias assim, pela quadra do Natal, embora menos faustosas?

Não sobrecarregaríamos o leitor com estas referências a bispos e festejos pueris, se não soubéssemos que os costumes litúrgicos de Salisbúria foram introduzidos na corte portuguesa, por Dona Filipa de Lencastre, e que os breviários dessa diocese, então e depois, assinalavam a presença activa do «episcopus puerorum», o bispo dos meninos de coro. E não só na corte propriamente dita. Também na casa do Infante Santo, como já veremos.

⁷ DU CANGE, *Glossarium*, em *Kalendae*.

⁸ IDEM, *ib.*, em *Festum asinorum*. Cf. também RABY, *The Oxford Book of Medieval Latin Verse*, Oxford 1959, pp. 307-308.

⁹ DREVES, *Analecta Hymnica Medii Aevi*, t. 50, Nova Iorque/Londres 1961, n.º 378.

¹⁰ K. YOUNG, *The Drama of the Medieval Church*, t. 1, Oxford 1933, pp. 106.-109

Comecemos por dois breviários da época, um deles precisamente do duque de Bedford, D. João Plantagenet, sobrinho de Dona Filipa de Lencastre e falecido em 1435. De passagem, tocaremos também no processional de Salisbúria, impresso em 1508 e, mais recentemente, reimpresso por Chambers, num apêndice de *The Medieval Stage*.

Copiado para o duque de Bedford, o primeiro breviário a estudar¹¹ não tem saltério. Abre pelo calendário de Salisbúria, transcrito a três cores, e celebra a festa dalguns santos menos conhecidos. A 13 de Outubro, em letras de ouro, a festa do rei S. Eduardo, confessor, aparentado à família Lencastre.

Em letra igual à do calendário, descobrimos algumas referências da família de D. João de Lencastre ou Plantagenet, duque de Bedford e sobrinho de Dona Filipa de Lencastre: a 25 de Fevereiro de 1391, nascimento de Dona Branca, duquesa de Baviera; a 23 de Março, morte do ilustríssimo príncipe D. Henrique, duque de Lencastre, primeiro deste nome; a 24 de Março, morte da ilustríssima Dona Constança, duquesa de Lencastre e filha do rei de Castela; a 14 de Junho, morte de Dona Matilde, mulher de D. Henrique, conde de Lencastre; a 20 de Junho, nascimento de D. João, duque de Bedford, ano do Senhor de 1389. E mais adiante: a 30 de Agosto, falecimento del-rei D. Henrique V, pelas duas horas da manhã, ano do Senhor de 1422.

Deixemos o resto. É um grande breviário¹², feito entre 1424 e 1435 e seguindo os costumes litúrgicos de Sarum ou Salisbúria. E tanto os aniversários de família de D. João de Lencastre, duque de Bedford, como as armas que ornamentam o fundo das páginas do calendário garantem o destino intencional deste breviário, a saber, D. João de Lencastre, sobrinho da mulher de D. João I de Portugal.

Com efeito, na fl. 106, bem longe do fim do breviário, aparecem as armas de Luxemburgo unidas às de Bedford. Conclui-se, por conseguinte, que a obra ainda não estava acabada em 1433, quando João de Lencastre se casou com Joana de Luxemburgo. Por outro lado, parece não estar ainda pronta em 14 de Setembro de 1435, por ocasião da morte do sobredito duque de Bedford.

Nesta obra-prima de iluminura, alguns quadros lembram quase representações de teatro religioso, por exemplo a procissão dos profetas, ou algo de semelhante, na fl. 8. Vamos, porém, ao que importa, quer dizer, às folhas 74-77v., com a festa dos Santos Inocentes. E aqui, paramos um pouco, desejando saber se sim ou não houve teatro litúrgico em Portugal, ao menos na capela real, sob a forma do pequeno «ludo» litúrgico do bispo-menino, a que Young dedicou tantas páginas em *The Drama of the Medieval Church*.

Os desenhos destas páginas do breviário de D. João de Lencastre nada têm de goliardesco: dois Santos Inocentes em pé, sobre o altar; dois acólitos; um bispo a ensinar; um clérigo a apresentar o báculo ao bispo; um bispo a deitar a bênção; clérigos na estante do coro; cónegos a cantar; um chantre e um cónego, junto à estante do coro; os cadáveres dos Santos Inocentes em cima do altar; um sermão ao ar livre; o Menino Jesus a receber os Santos

¹¹ Bibl. Nac. de Paris, ms. lat. 17294.

¹² V. LEROQUAIS, *Les Bréviaires Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, t. 3 Paris 1934, pp. 271-348.

Inocentes e, junto deles, a Virgem Maria, sentada; um cardeal a ler; alguns Santos Inocentes, ajoelhados diante do Menino Jesus; anjos e querubins; um doutor da Lei, judeu, com um livro aberto diante de si; mais cadáveres de Santos Inocentes, espalhados pelo chão — e o mais pelo mesmo estilo.

No resto do breviário, igual seriedade nos quadros iluminados e nas figurinhas laterais. Só na transladação de S. Eduardo, confessor, o santo rei sorri na missa, com espanto dos piedosos cortesãos. Porém, S. Eduardo lá tinha as suas razões para sorrir de felicidade, pois revelara-lhe Deus uma vitória longínqua na guerra¹³.

Ora, esta piedosa e geral seriedade figura também na festa do bispo dos meninos, a partir da véspera (27 de Dezembro à tarde). Na verdade, após as vésperas do ofício de S. João Evangelista, ia uma procissão ao altar da Santíssima Trindade, a cantar, como em Ruão, o responsório: «Centum quadraginta quatuor milia... et agnus Dei cum illis». Eram palavras do *Apocalipse*¹⁴, logo seguidas pelo que diziam três meninos de coro: «*Tres pueri dicant versum: Hii empti sunt ex omnibus, primitie Deo et agno et in ore ipsorum non est inventum mendacium*».

Só os 144 000 virgens, não contaminados por mulher, cantavam no grande coro que lembrava o tumultuar das águas e o rugir do trovão. Só eles seguiam o Cordeiro por toda a parte, escolhidos dentre todos, primícias de Deus. E na sua língua ninguém descobriu nenhuma falsidade.

Ao versículo dos três meninos de coro (*Hii empti sunt...*), respondiam todos os mocinhos (como então se dizia em português), cantando a prosa *Sedentem in superne / Maiestatis arce...*

A referida prosa litúrgica encontra-se publicada, por exemplo, nos *Analecta Hymnica*¹⁵, e transcrevemo-la depois, do processional de Salisbúria. Por agora, damos o sentido em português:

A ti, que estás sentado no cume da majestade, adoram humildemente, clamando em teu louvor:

*Santo, Santo, Santo, rei Sabaoth,
Todas as coisas estão cheias da tua glória!*

Com eles, vinte e quatro juntamente com o inocentíssimo rebanho, isentos de toda a mancha, dizem em alta voz:

*Glória a ti, Senhor,
Rei da eterna glória!*

Vamos contemplar agora as cerimónias do bispo-menino e dos seus companheiros de Salisbúria, no reino «de fazer de conta», em que um desempenhava o papel de prelado da diocese, outro de cruciferário, outro de capelão, e assim por diante.

Com efeito, na véspera dos Santos Inocentes, quando a procissão chegava ao altar da Santíssima Trindade, era o bispo-menino (*episcopus puerorum*) que o incensava e fazia depois o mesmo à imagem da Trindade.

¹³ Bibl. Nac. de Paris, ms. lat. 17294, fl. 604v.

¹⁴ XIV, 3-5.

¹⁵ DREVES, *Analecta Hymnica Medii Aevi*, t. 10, n.º 68.

Goliardismo? Aqui, nenhum. Cerimónia infantil, mas a sério: Com voz moderada (*modesta voce*), o minibispo recitava o versículo *Letamini* (alegrai-vos no Senhor e exultai, ó justos!). E era também ele que recitava a oração: *Deus, cuius hodierna die preconium...* «Ó Deus, cuja fé os inocentes mártires hoje proclamaram, não falando mas, sim, morrendo, mortificai, em nós, todos os males dos vícios, a fim de que a fé, declarada pelas nossas palavras, seja também confessada nos costumes e na vida».

Na volta da procissão, rezava-se mais um responsório, *Felix namque*, ou uma antífona a Nossa Senhora. E de novo intervinha o *episcopus puerorum* ou bispo-menino (e dos meninos), recitando em voz moderada o versículo *Speciosus forma* e a prece *Deus qui salutis eterne...* Seguimos a ortografia do breviário. Por fim, o bispo-menino rezava: *Pax vobis* (que a paz esteja convosco!). E o coro respondia: *Et cum spiritu tuo!*

Fixe bem o leitor que, até aqui, estamos ainda na procissão. No regresso do cortejo, dirigiam-se para o trono episcopal. Lá chegados, o cruciférario pegava no báculo e, voltado para o bispo verdadeiro, no caso de ele lá estar, pronunciava a antífona: «Príncipe da Igreja, pastor do rebanho, dignai-vos abençoar o povo!». Depois, virava-se o cruciférario para a multidão e exclamava: «Ajoelhai-vos para receber a bênção!».

Respondia o povo: «Graças a Deus!» e passava o báculo das mãos do bispo-menino para as mãos do bispo verdadeiro. O bispo-menino fazia o sinal da cruz na testa e começava: «A nossa ajuda está no nome do Senhor». A que o povo respondia: «que fez o Céu e a Terra!».

De novo intervinha o bispo autêntico (não o menino), fazendo no peito o sinal da cruz e cantando: «Seja bendito o nome do Senhor!». E após a resposta (*Ex hoc nunc et in seculum!*), era a ocasião de o bispo-menino erguer o braço e dar a bênção ao coro e ao povo: «Eu vos assinalo com o sinal da cruz!» E voltando-se para a assistência: «Seja vossa protecção aquele (voltado para o altar) que vos resgatou e remiu!». Finalmente, olhando para si mesmo e com a mão no peito, continuava: «pelo preço do seu corpo!». E o coro respondia: «Ámen!».

E a seguir à bênção do pequeno bispo? Rezava-se um pai-nosso, uma ave-maria e principalmente as completas do ofício litúrgico dos Santos Inocentes. Uma vez acabadas, virava-se o bispo-menino para o coro e entoava: «A nossa ajuda está no nome do Senhor!». A que respondia o coro: «Que fez o céu e a terra!».

Era nesta altura que interferia de novo o bispo verdadeiro (no caso de assistir à cerimónia) e rezava: «Seja bendito o nome do Senhor!», a que o coro respondia: «Agora e sempre». Então, dava este bispo a bênção em nome da Santíssima Trindade e o coro respondia: «Ámen!». Porém, no processional salisburiense de 1508, já variam certos pormenores. Com efeito, neste final, o bispo verdadeiro só dá a bênção: «Benedicat vos omnipotens Deus Pater, et Filius et Spiritus Sanctus».

Em Salisbúria na festa dos Santos Inocentes, havia, pois, o bispo verdadeiro e o bispo dos meninos de coro. Porém, nas cerimónias, podia nalgum caso faltar um ou outro, porque, a respeito dum e doutro, dizem as rubricas: *si assit*. Se estiver! Mas a falta do bispo-menino seria excepção, pois falam ainda nele os processionais salisburienses do séc. XVI.

Não acaba no que dissemos a intervenção do bispo-menino, por ocasião da festa dos Santos Inocentes. Por exemplo, depois das laudes deitava o bispo-menino a bênção ao povo, «como já fizera nas completas».

Quer isto dizer que o bispo-menino assistia oficialmente à reza dos ofícios litúrgicos, decerto paramentado e de báculo na mão, como vimos no começo.

Leroquais transcreveu as rubricas em que nos firmamos e dele vamos transcrever o latim, com a respectiva foliação do ms. lat. 17294, da Bibl. Nac. de Paris:

Fl. 73 v. [Post secundas vespervas S. Iohannis evangeliste.] — «*Tunc eat processio ad altare sancte Trinitatis cantando responsorium cum prosa incipiente. Resp.. Centum quadraginta quatuor milia... et agnus Dei cum illis. — Tres pueri dicant versum: Hii empti sunt ex omnibus... — Omnes pueri simul dicant prosam:*

Sedentem in superne
Maiestatis arce

Et chorus respondeat cantum prose sub littera E, post unumquemque versum ¶ Adorant humilime proclamantes ad te... *Ad hanc processionem dicatur Gloria Patri, sed dum prosa canitur, thurificet episcopus puerorum altare, deinde ymaginem sancte Trinitatis, et postea dicat modesta voce hunc versiculum: Letamini in Domino et exultate... — Deinde episcopus dicat oracionem: Deus, cuius hodierna die preconium... — In redeundo dicitur responsorium Felix namque, vel aliqua antiphona de sancta Maria. Deinde dicat episcopus puerorum hunc versiculum modesta voce: Speciosus forma. — Oracio. Deus qui salutis eterne... — Episcopus puerorum, si assit, dicat: Pax vobis. — Chorus: Et cum spiritu tuo. Sequatur: Benedicamus Domino a duobus vel tribus extra regulam.»*

Fl. 74. «*Tunc episcopus puerorum intret stallum suum, et iterum cruciferarius accipiat baculum episcopi conversus ad episcopum, et incipiat hanc antiphonam: Princeps Ecclesie que non dicitur episcopo absente. Et cum venerit ad illud verbum cum mansuetudine, convertet se ad populum, et cantet totam antyphonam usque ad finem hoc modo. Ant.: Princeps ecclesie, pastor ovilis, cunctam plebem tuam benedicere digneris. Cum mansuetudine et caritate. Humiliate vos ad benedictionem. — Chorus respondeat: Deo gratias. — Deinde tradat baculum episcopo, et tunc incipiat episcopus puerorum primo signando se in fronte hoc modo incipiendo: Adiutorium nostrum in nomine Domini. — Chorus respondeat: Qui fecit celum et terram. — Item episcopus signando se in pectore dicat: Sit nomen Domini benedictum. — Chorus: Ex hoc nunc et in seculum. — Deinde episcopus puerorum conversus ad chorum eleve brachium suum et incipiat hanc benedictionem, scilicet: Crucis signo vos consigno, hic convertat se ad populum, dicens: vestra sit tuicio, deinde ad altare se convertat dicens: qui vos emit et redemit, et postea ad semetipsum reversus, ponendo manum suam super pectus suum dicens: sue carnis precio. Chorus: Amen.»*

Fl. 74. «*Hii itaque peractis, post Pater noster et Ave Maria, incipiat episcopus puerorum completorium more solito de die. Et post completorium, dictus episcopus puerorum, ad chorum conversus, sub tono predicto dicat: Adiutorium nostrum in nomine Domini. — Chorus: Qui fecit celum et terram. — Episcopus: Sit nomen Domini benedictum. — Chorus: Ex hoc nunc et usque in seculum. — Episcopus: Benedicat vos omnipotens Deus Pater et Filius*

et Spiritus sanctus. — *Chorus respondeat: Amen.*» Fl. 77 v. [Post laudes ss. Innocentium.] «*Dictis vero memoriis supradictis, dicat episcopus puerorum benedictionem super populum, sicut et post completorium supradictum est...*»¹⁶.

Mais outro breviário manuscrito da diocese de Salisbúria foi parar a uma biblioteca francesa¹⁷, breviário esse dos começos ou meados de quatrocentos. Quer dizer, da mesma idade que o breviário de D. João de Lencastre acima estudado.

Nada tem da riqueza ornamental do breviário do duque de Bedford, mas vem lá apontada a sobredita procissão dos meninos de coro e do *episcopus puerorum* ao altar da Santíssima Trindade, não na tarde do dia de S. João Evangelista, mas, sim, um dia antes, na tarde da festa de S. Estêvão, a 26 de Dezembro, depois das vésperas: «*Tunc eat processio puerorum ad altare sancte Trinitatis cum capis sericis, et cereis illuminatis, in manibus, cantando responsorium: Centum quadraginta quatuor milia... Tres pueri dicant versum: Hii empti sunt ex omnibus... Omnes pueri similiter cantent prosam: Sedentem in superne maiestatis arce... Ad hanc processionem non dicitur Gloria Patri, sed dum prosa canitur, thurificet episcopus puerorum altare, deinde ymagines sancte Trinitatis, et postea dicit versum: Letamini in Domino. Or. Deus cuius hodierna die preconium... In redeundo, dicitur responsorium Felix namque, vel aliud de sancta Maria*»¹⁸.

Quer dizer, havia certa elasticidade nos festejos dos Santos Inocentes, umas vezes com a procissão na tarde do dia 26 de Dezembro, noutros casos a 27, e durando, com certeza, pelo menos até às segundas vésperas da festa litúrgica dos Santos Inocentes. E ficamos a saber, baseados neste testemunho, que os meninos, à maneira de solenes cónegos, iam vestidos de capas de seda e levavam círios acesos na mão.

O tempo foi correndo e chegamos ao processional salisburiense de 1508, ou antes, impresso nesse ano, embora registando costumes que de longe vinham¹⁹.

Ensina-nos ele que o bispo dos inocentes (*Episcopus Innocentium*), ao chegar ao altar, com o cortejo ou procissão, principiava o responso *Centum quadraginta quatuor milia* e apontava para a imagem do Menino Jesus, no caso de ela estar ali. Esclarece-nos sobre a maneira do coro responder ao canto dos meninos, *Sedentem in superne...* Com efeito, o coro acentuava o *e* final e prolongava-o, como aliás também ordenava o breviário do duque de Bedford, D. João.

¹⁶ LEROQUAIS, *Les Bréviaires Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, t. 3, Paris 1934, pp. 272, 273.

¹⁷ IDEM, *ib.*, t. 2, Paris 1934, pp. 75-78.

¹⁸ Biblioteca Municipal de Douai, ms. 167, fl. 38-38v.

¹⁹ Cf. a reedição dos textos que nos dizem respeito em E. K. CHAMBERS, *The Medieval Stage*, t. 2, Oxford 1903, pp. 282-287, apêndice M: *The Sarum Office*. Transcreve, do processional de 1508, tudo o que trata *De Episcopo Puerorum*, não só na tarde de 27 de Dezembro (IN DIE SANCTI JOHANNIS) mas também no dia 28 e até acabar o officio litúrgico: «IN DIE S. THOMAE ARCHIEPISCOPI MARTYRIS. Ad vespas, post memoriam de S. Johanne, accipiat cruciferarius baculum Episcopi Puerorum, et cantet antiphonam Princeps ecclesie, sicut ad primas vespas. Similiter Episcopus Puerorum benedicat populum supradicto modo. Et sic compleatur servicium (officium Puerorum) huius diei».

Chorus post unumquemque versum respondeat cantum prose super ultimam literam E.

Vers.: Sedentem in superne maiestatis arce-e.

Vers.: Adorant humillime proclamantes ad te-e.

Vers.: Sancte. Sancte. Sancte. Sabaoth rex-e.

Vers.: Plena sunt omnia glorie tue-e.

Vers.: Cum illis undeviginti quinque-e.

Vers.: Atque cum innocentissimo grege-e.

Vers.: Qui sunt sine ulla labe-e.

Vers.: Dicentes excelsa voce-e.

Vers.: Laus tibi, Domine-e.

Rex eterne glorie-e²⁰.

Informa-nos ainda o processional que os meninos de coro, para a procissão, tinham cônegos às suas ordens, uns para incensar, outros para levar o livro e outros para levar os candelabros²⁰. Por sua vez e como já acentuámos, os meninos de coro iam de vela acesa na mão e capas de seda: «in capis sericis, cum cereis illuminatis et ardentibus in manibus»²¹.

Tornemos agora ao mundo português do séc. xv, a dois membros duma família estreitamente aparentada ao duque de Bedford e cujas capelas se regiam pelo rito de Salisbúria; a rainha Dona Filipa de Lencastre e seu filho D. Fernando, o Infante Santo. Os reis tinham bispos à sua disposição, para as cerimónias do culto. E o Infante Santo, além dum confessor, um pregador, um capelão-mor, treze capelães cantores e oito moços de capela, tinha direito a um bispo²². Podiam, pois, seguir à vontade o rito de Salisbúria e não lhes faltava, para isso, pessoal e boa vontade.

De facto, conta-nos Fernão Lopes que Dona Filipa de Lencastre, na corte portuguesa, urgia o seguimento severo dos costumes de Salisbúria, dispondo de clérigos a quem ensinava as rubricas²³. Na epígrafe deste nosso trabalho, apontámos já essa passagem da *Crónica de D. João I*. A procissão dos Santos Inocentes, com o respectivo bispo-menino, fazia ordinariamente parte de tal rito e não nos parece que a rainha a pusesse de lado, em parte por saudosismo da Inglaterra e da família e em parte por causa do rigor observado no cumprimento das rubricas litúrgicas. Além disso, a psicologia feminina de Dona Filipa havia de se agradar de tais cerimónias, em que figuravam crianças a fazer de bispo e de cônegos.

Por sua vez, o infante D. Fernando, desde os catorze anos e por toda a vida, adoptou igualmente o «costume ingrés de Salesbery», tendo paramentos conforme esse rito, com «muitos sacerdotes e cantores»²⁴. Ele mesmo conhecia as normas da liturgia de Salisbúria, reparava no seu cumprimento, exigindo que os clérigos «non erasem nem saísem da regra do ordenairo, que ele muy bem sabia, que o trazia em sua capela, a qual lhe trouvera huï seu capelom da see de Salesbery, pelo qual o la mandou»²⁵.

²⁰ *Ib.*, p. 283.

²¹ *Ib.*, p. 282.

²² ANT. MEIRELES DE SOUTO, *O Infante Santo e os Jerónimos*, em «Anais», t. 19, Lisboa 1970, p. 47.

²³ FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*, t. 1, Porto 1949, p. 226.

²⁴ FREI JOÃO ÁLVARES, *Obras*, t. 1, Coimbra 1960, p. 8.

²⁵ *Ib.*, p. 16.

Seria estranho que o Infante Santo mandasse vir um cerimonial da diocese de Salisbúria e não levasse a rigor, por exemplo, as cerimónias dos Santos Inocentes, com o *episcopus puerorum*, ele que tão rigoroso se mostrava no cumprimento das normas litúrgicas de tal rito. Além disso, seria de admirar que pusesse de lado, precisamente, esta cerimónia tão simpática e sem grotesco nenhum do rito de Salisbúria. Nem o Infante Santo nem o povo desgostariam da procissão dos Santos Inocentes, por exemplo, sob a presidência sorridente do bispo-menino. Por estes motivos (e outros possíveis de descortinar) inclinamo-nos a crer fortemente na existência do *episcopus puerorum* e das respectivas cerimónias, em Portugal, ao menos na capela real e na casa do Infante Santo.

MÁRIO MARTINS S. J.